



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 28-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5339 O.  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A ESPANHA NEGRA

Basta de infâmias!

E' possível que os leitores não se recordem, ao primeiro golpe de vista, deste nome que se vai tornando célebre em Espanha: Martinez Anido. Procurem bem, esforcem um pouco a memória. Então? Não se recordam? Pois bem, nós vamos ajudar-vos, leitores. Martinez Anido é um grande assassino. Martinez Anido é o actual governador de Barcelona.

Como sabem há várias espécies de assassinos: legais e ilegais. O assassino legal é o que mata, por tãr, por exaltação, fora da lei. E a lei é para ele inexorável, não perdoo, fero, o também o mata por vezes. O assassino legal recebe medalhas e prémios, o seu nome fica gravado na História com letras de ouro: Napoleão, Foch, French, Alexandre e tantos outros que os livros escolares ensinam a adorar como deuses creus.

Com Martinez Anido não acontece precisamente o que tem acontecido com os assassinos legais. Martinez Anido mata fora da lei e não é castigado, os seus crimes não tem sequer um código hipocrita a protegê-los, a dar-lhes um aspecto venerável e glorioso. Martinez Anido é um criminoso vulgar ao serviço da burguesia espanhola.

São inúmeras as suas vítimas. Dia a dia baqueiam, varados pelas balas dos esbirros, proletários humildes. Não tem conto já as mortes, os assassinatos ferozes, que nas ruas de Barcelona se tem praticado.

O sr. Martinez Anido está no seu elemento; dá largas aos seus sanguinários instintos. Disseram-lhe que era necessário acabar com os sindicalistas. E o sr. Martinez, militarão de cérebro obtuso, nem sequer pediu ao parlamento espanhol — e conseguiu-o — que fabricasse uma lei permitindo o assassinio de sindicalistas e anarquistas em plena praça pública, sem praxes, sem interrogatórios, sem processo nem papel selado. Não, o sr. Martinez não teve inteligência para fazer tal pedido. Como bom militar competia-lhe apenas receber e dar ordens, obedecer e fazê-las cumprir.

E o sr. governador começou desde logo a matar sindicalistas, como quem mata coelhos.

Porém a imprensa burguesa eninou de lançar sobre os crimes do venerando governador um manto de hipocrisia. Eis porque eles não apareceram aos olhos do público, absolutamente despidos de atenuantes, nus na sua hediondez e crueldade. Esses crimes, vistos através do palavrado da imprensa e das agências telegráficas, assumiram o aspecto legal, são justificados. Os relatos dos periódicos apresentam uma naturalidade contrafeita, que aterroriza. «Quando os sindicalistas eram condenados para o cárcere, tentaram fugir, disparando a guarda as suas espingardas sobre os criminosos, matando-os».

E' devido a esta linguagem que o leitor não se apercebeu à primeira vista que Martinez Anido é um assassino, porque ela oculta os fasilamentos feitos a sangue-frio; foi por isso que o leitor, ao falarmos no começo deste artigo ao sr. Martinez Anido, não se lembrou que este homem era o célebre governador, cujos crimes diários davam lugar às notícias que cotidianamente se leem nos jornais.

A tática é velha. Agora que já levantámos o véu mentiroso que sobre ela os jornais lançam, os leitores devem fazer uma ideia nítida da premeditação, do requinte do malvado que assiste a estas execuções brutais. Sucede até que no mesmo dia, são executados três ou quatro trabalhadores. E julgam os reacçãoários espanhóis que nós acreditamos que todos os dias os sindicalistas tentam fugas imbecis, que a todas as horas bandos de desconhecidos no intuito de dar fuga aos presos disparam sobre a polícia e matam precisamente os operários.

Estes processos revoltam a consciência mais pacífica. Em Espanha, Espanha reacçãoária e jesuítica, nem uma voz se ergue indignada, nem um clamor de protesto, nem um gesto de desaprovacão. Que cousas tristes acerca da humanidade nos faz pensar esta covardia! Como devem estar aviltadas aquelas consciências; que ambiente de terror não se teria estabelecido, para que tal condescendência com o crime se del Os próprios socialistas reforçam esse ambiente terrorista, sancionam em artigos, discursos e manifestos os actos repugnantes dum governador bárbaro!

Os sindicalistas e anarquistas espanhóis estão absolutamente abandonados. Não tem uma voz amiga que os defenda. Envolvidos nas teias que os reacçãoários em torno deles teceram, vêm-se reduzidos às suas próprias forças e lutam, lutam sem desfalecimentos, travam uma batalha sem esperanças, vendo-se baquear um por um.

Porém a sua voz desesperada ouviu-se além fronteiras. Os seus apelos foram escutados já pelos trabalhadores franceses e por parte do operariado português. A Confederação Geral do Trabalho iniciou o boicote aos produtos espanhóis. E', porém, necessário que o nosso protesto seja mais ruído, que o nosso silêncio se quebre, e façamos tudo quanto humanamente seja possível para com a nossa desaprovacão formal acabarmos com o reinado da vilania!

São trabalhadores nossos irmãos de miséria e de luta que estão caindo sob os golpes traiçoeiros da burguesia, dessa burguesia cruel que impera em quasi todo o mundo; são explorados como nós que necessitam do nosso auxílio revolucionário. Como homens, que se presam de ser homens, não podemos consentir que mais crimes hediondos se cometam. Cruzar os braços, calar a revolta que vai nas nossas almas, é transgredir com o assassinato covarde, é tornarmos cúmplices da maior vilania dos tempos modernos.

Clamamos cá deste lado da fronteira imposta pelos senhores, um grito indignado e unânime: Basta de infâmias!

A GREVE DOS

Trabalhadores dos jornais

Aviso ao público

Devem aparecer hoje à venda em Lisboa umas quaisquer folhas volantes, encabeçadas por títulos de antigos jorgais. O aparecimento destas falsificações jornalísticas pode dar lugar à suposição de que a greve dos trabalhadores de jornais está terminada. Tal suposição é falsa, pois os grevistas mantêm as suas primitivas reclamações. Julgamos portanto do nosso dever prevenir o público do facto, aconselhando-o, no seu próprio interesse, a precaver-se contra o produto que intentam servir-lhe e só a distância poderá passar por banha de cheiro.

A sessão magna de ontem

Decorreu imponente a reunião ontem realizada pelas 17 horas na Associação dos Caixeiros. Foi vivamente criticada por vários oradores a atitude das empresas, sendo aprovada a seguinte moção:

«A assembleia magna dos trabalhadores dos jornais, constatando a ineficácia das reiteradas tentativas das empresas jornalísticas no intuito de anular o nosso movimento, manifesta o seu propósito bem firme de os grevistas só regressarem ao trabalho desde que as referidas empresas se capacitem de que não haverá solução possível para o conflito sem que os seus representantes cheguem a um acordo com a comissão delegada do pessoal dos jornais.

Nesta ordem de ideias, a assembleia ratifica toda a confiança que deu à comissão executiva, convencida de que esta, continuando a interpretar fielmente o espírito dos grevistas, conduza o movimento a uma solução honrosa.

Lisboa, 2 de Março de 1921.»

NOTAS & COMENTARIOS

Vestuário feminino

Os clergymen de Filadelfia, segundo informa um telegrama da agência Reuter reúnem-se há pouco com o fim de apreciar as festrções a impôr no que respecta ao vestuário feminino. As discussões alongaram-se apaixonadamente e no decorrer delas se mostraram os pudibundos clergymen cheios de subtileza e perfeitos conhecedores do assunto tratado. Concluiu-se finalmente que a moralidade era grandemente atingida desde que os decotes descobrissem mais de sete centímetros e meio de peito, a contar do pescoço, ou quinze centímetros, partindo do queixo. Quanto às saias, consente-se que as damas as levem mas só até 17 centímetros acima do solo; e ainda, acataram os sisudos moralistas, não devem ser apertadas nem feitas de tecidos transparentes. A obediência a estes preceitos é que se nos affigura muito problemática. Coqueles como quaisquer outras filhas de Eva, o mais certo é mandarem as americanas buglar os virtuosos clergymen e continuarem mostrando as suas beas. No que afinal não haverá perigo de maior.

Ministério

Já depois de haver sido oficialmente participada ao país, por intermédio do Diário do Governo, a constituição do novo gabinete, surgiram suspeitas sobre o êxito das negociações empreendidas pelo sr. Bernardino Machado no sentido de constituir ministério. Um jornal da noite afirmava ontem que, apesar de tudo, o ministério oficialmente nomeado estava ainda sujeito a modificações. Do gabinete faziam parte, segundo o decreto publicado ontem, os srs. Artur Alberto Camacho Lopes Cardoso, António Maria da Silva, Alvaro Xavier de Castro, Fernando Braderode, Domingos Leite Pereira, António Joaquim Ferreira da Fonseca, António de Paiva Gomes, Júlio do Patrocínio Martins e José Domingues dos Santos, respectivamente, Presidente do Ministério, Ministro do Interior e Justiça, Finanças, Guerra, Marinha, Negócios Estrangeiros, Comércio, Colónias, Instrução e Trabalho. Pois parece que nada está arranjado ainda. Este facto afflige-nos singular e pluralmente. Como há de governar-se este pobre país sem a assistência carinhosa e solícita dum ministério, demais a mais presidido pelo campeão universal da cordelidade?...

Moral jornalística

Harding, o actual presidente da república norte-americana, elaborou em tempos uma espécie de código de moral para uso dos jornalistas. Alguns dos preceitos lá inscritos são dum justiça incontestável. Por exemplo:

«Lembrai-vos de que todas as questões tem dois aspectos. Procurai atender a ambos.

«Sede verídicos. Relatái apenas as coisas averiguadas.

«Respeitai a exactidão. Prefiro um relato completamente verdadeiro a cem relatos medianamente falsos.

«Sede honestos. Sede leais. Sede generosos. Empurrái os outros mas sem os magoar.

«Quando relatares uma reunião pública, apresentai os factos. Dizel o que foi mas não o que desejais que fosse.

«Se poderes evitá-lo, não emporca-lheis palavras a nome dum homem inocente ou dum criança, divulgando as aventuras ou os infortúnios dum qualquer parente seu.»

Belíssimos os princípios de mestre Harding. Simplemente, a sua estrita aplicação impossibilitaria o negócio jornalístico de muita gente.

Na Eslováquia

Deram-se gravíssimos conflitos sociais

1. PRAGA, 2. — O presidente do conselho expoz à Câmara a descrição dos casos sangrentos que se deram nas oficinas metalúrgicas de Krempack, na Eslováquia, e que por um inquérito oficial foram praticados pelos comunistas magiães.

A pretensão de insuficiente aprovisionamento, um magote de operários juntou-se em frente da casa da direcção, atacando o pequeno posto da guarda, ferindo gravemente o comandante o que forçou a guarda a ripostar com uma descarga.

Um destacamento militar que passava prestou auxílio, porém retirou-se sob a declaração dos chefes dos operários em como a ordem ficava assegurada.

Apesar desta promessa, a multidão entrou na oficina maltratando o director, o engenheiro e empregados, massacrando ferozmente o prefeito.

A tropa que havia chegado, fez uso das armas, matando dois dos sediciosos ferindo 19.

O presidente do conselho lamentou estes deploráveis acontecimentos, declarando que o governo procederá com todo o rigor e energia contra os culpados. — Rádio.

CONFERENCIAS

Universidade Popular Portuguesa

Subordinada ao tema: — O que é a educação moderna: Os problemas e as tendências, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma conferência pelo dr. sr. Faria de Vasconcelos.

A entrada é pública.

ALJUSTREL OU SERTÃO?

Um soba de nova espécie

Aljustrel é uma terra extraordinária, ou melhor, certas pessoas que lá habitam é que a tornam extraordinária.

O comandante da guarda republicana que ali se encontra é um individuo patuço, que se julga rei ou imperador de Aljustrel. Faz, ao que parece, tudo quanto entende e ninguém lhe pede contas. Quem ousaria pedir contas à guarda republicana?

O sr. comandante diz: Querol! E todos teem que obedecer.

O sr. comandante desrespeita leis e inventa leis suas. E tudo está bem. O sr. comandante tem sempre razão.

Quando, na sexta-feira última, os nossos camaradas Francisco Viana e Júlio de Matos, em missão de propaganda para o Congresso Metalúrgico, quizeram redm o operariado de Aljustrel no Sindicato dos mineiros a fim de tratar de assuntos puramente associativos, o sr. comandante não deixou, não deixou, não porque as leis da república, que ele provavelmente diz defender, não permitissem, mas porque não lhe apeteceu. E pronto. O sr. comandante não admite discussões. E não as admite porque provavelmente não saberia discutir, não seria capaz de explicar a razão dos seus actos. O sr. comandante não pensa: executa. Por isso, executa asneiras.

Se se perguntar ao sr. comandante porque motivo almoça, janta e anda, ele não saberá dizer que almoçar e jantar são necessidades orgânicas, que se devem satisfazer para conservação do corpo humano; que enrolar um cigarro e fumá-lo é um vício que se torna também uma necessidade orgânica, que é preciso satisfazer. O sr. comandante não saberá responder sequer a estas perguntas elementares. O sr. comandante não sabe cousa nenhuma. Por isso oodia a discussão — ordena, ordena e nada mais. E quem não obedece — calabouço. E quem não se submete — pancada.

Sabedores da psicologia do sr. comandante, facilmente os leitores compreenderem os seus actos, que passamos a descrever.

O sr. comandante não deixou reunir o operariado de Aljustrel. Entrou na associação e perguntou:

— Os senhores trazem alguma guia, alguns documentos assinados que lhes garantam o trânsito por esta terra?

Guia de trânsito! O sr. comandante entendeu que devia haver guia para passar por Aljustrel. Talvez ele tenh

razão. Os nossos camaradas deviam ter tomado precauções para visitar uma terra onde impera um soba.

Como Francisco Viana e Júlio de Matos não tivessem guia, o sr. comandante não d'scutiu, porque o sr. comandante não sabe pensar.

Quando os nossos camaradas iam apresentar as suas razões, o sr. comandante não d'scutiu, porque o sr. comandante não sabe pensar.

Pelas 20 e meia horas deram os dois operários entrada num calabouço aca-nhado e sujo.

E' claro que o sr. comandante teve o cuidado de lhes catar as algibeiras, tirando-lhes todos os documentos que achou interessantes, que lhe fizeram confusão no cérebro obscuro, exactamente como os selvagens, quando apañam um europeu, lhes tiram os óculos e os botões porque estes objectos lhes despertam curiosidade.

Passaram aqueles camaradas a noite de sexta para sábado na interessante prisão. No dia seguinte, depois do almoço, que eles tiveram de mandar buscar, o sr. comandante apresentou-se.

Não admitiu discussões. Disse que viviam ali em família e não queria lhe fossem perturbar o sossego.

Mas... Qual mas? O sr. comandante não discute.

— Desta vez — diz ele — foram bem tratados. Não voltem cá, porque para a outra vez pode o caso mudar de figura...

O sr. comandante andava de cavalo — marinho em punho.

Pelas 15 horas de sábado foram os nossos camaradas postos em liberdade, que é como quem diz: conduzidos por um cabo e um soldado, por atalhos, para não atravessarem a vila, até às minas de Aljustrel. Ali, a pedido do sr. comandante, o director consentiu que se atrelasse uma carruagem ao comboio da mina, que os transportou até à Figueirinha. Mas não puderam tomar ali o comboio que os levasse a Beja. O sr. comandante não deixou. Porque? O sr. comandante não se sabe explicar.

Tiveram, pois, os dois perseguidos de palmar a pé a bagatela de 10 quilómetros até à estação de Santa Vitória do Evidal!

Entretanto, os delegados da Confederação Patronal tratavam da sua organização muito à sua vontade, sem que o sr. comandante os incomodasse...

Na Espanha negra

Folhetos apreendidos — A crise industrial agrava-se

SARAGOÇA, 2. — A polícia apreendeu numerosos folhetos que tratam do resurgimento sindicalista.

Aumenta assustadoramente nas Astúrias e Ciudad Real a crise industrial; várias comissões partiram para Madrid a fim de pedir protecção ao governo. — Rádio.

Milhares de operários sem trabalho

BILBAU, 2. — Milhares de operários estão sem trabalho, devido à falta de transportes, havendo-se pedido providências ao governo.

Foram presos 15 sindicalistas, apreendendo-se-lhes documentos comprovativos de projectos de atentados contra pessoas que exercem elevados cargos. — Rádio.

União dos Sindicatos Operários

Conselho de Delegados

Reúne amanhã, pelas 20 horas, o Conselho de Delegados deste organismo, para prosseguimento dos trabalhos suspensos na sua última reunião.

Autores dramáticos

Como estava anunciado, reuniu ontem o núcleo dos autores da A. C. T. T. para tratar de vários assuntos concernentes às tabelas dos preços dos compositores musicais e a reforma do Teatro Nacional. Entre outras deliberações, de carácter associativo, foi resolvido, também, que se officiassem os representantes das associações congêneres do estrangeiro, pedindo-lhes que não concedessem licença para tradução de peças já verdadeiras para a nossa língua. Exceptuam-se, desta prohibição, algumas peças, provavelmente incorrectas, e que não tenham a subscryvê-las um nome de comprovada reputação literária.

A Associação dos Trabalhadores do Teatro pretende evitar que, no futuro, se deem incidentes lamentáveis como o que se acaba de passar entre o sr. Afonso Gayo e o director da tournée Luz Veloso, incidente em que o autor do Condenado, viu, com satisfação, que, a seu lado solidariamente, o núcleo dos autores dramáticos da A. C. T. T.

A questão do Panamá

Parece afastar-se a possibilidade duma guerra

WASHINGTON, 2. — A legação do Panamá comunica que as forças de Costa Rica que invadiram este país se renderam e que portanto está posta de lado a ameaça de guerra. — Rádio.

CONSELHO JURIDICO da A. C. T.

O dr. Sobral de Campos, advogado deste Conselho, dá hoje consultas, às 21 horas, na sede da A. C. T.

ANTE UM REGIME NOVO

Através da Rússia

(«DA ROSTA WIEN»)

A previdência social na Rússia

Em Moscovia abriu-se o segundo congresso pan-russo de previdência social. No Congresso tomam parte 147 delegados, entre os quais se encontram os representantes das repúblicas soviéticas recentemente constituídas. O comissário do povo Vinocurof pronunciou um discurso, onde fez ressaltar que o comissariado da Previdéncia social se esforçava constantemente por aumentar o número das pessoas que beneficiam das disposições das leis de previdéncia social. Primeiro que tudo, o Estado cuida das famílias dos soldados vermelhos. Em 1920 o número de indivíduos que beneficiavam das leis, era de 9 milhões, todos membros das famílias dos soldados vermelhos.

Dois milhões de russos que querem voltar à Rússia

Viajantes americanos chegados a Libau dizem que dois milhões de operários russos desejam entrar na Rússia Sovietista. Os vapores Polónia, Estónia e Lituânia fazem regularmente o serviço entre Nova York e Libau. Cada vapor transporta 2.000 emigrados a Libau, de onde serão levados para a fronteira russa.

A instrução pública

No começo do mês de abril realizar-se há em Moscovia um Congresso que decidirá as medidas a tomar para organizar a luta contra o analfabetismo.

O problema da electricidade

A comissão de electrificação elaborou um plano para a construção de estações eléctricas no Dnieper.

Um novo pórtio na Sibéria

Vai construir-se um novo pórtio, na baía Iindiga, distrito de Petchora. Começa-se em breve a construção dum farol. O novo pórtio será dotado dum instituto de meteorologia.

Novas linhas férreas

Na bacia do Don sete novas vias férreas estão sendo construídas. O transporte de carvão torna-se assim muito mais fácil.

Relações comerciais com a Noruega

A delegação comercial soviética comprou na Noruega uma grande quantidade de material de telegrafo e telefone.

A paralisação de trabalho em Olhão

Acerca da presente paralisação de trabalho em Olhão recebemos a seguinte carta:

«OLHÃO, 21. — Camarada redactor. — Na Batalha, de 27 do p. p., vimos uma local denominada A crise de trabalho em Olhão, em que se fazem referências injustificadas à atitude que as classes trabalhadoras desta localidade teem tomado sobre este magno assunto. Assim, como membro da comissão delegada da U. S. O. Local, junto da comissão de industriais das fábricas de conservas, sinto-me suficientemente abalizado a desmentir categoricamente tal atoarda, de que as classes trabalhadoras de Olhão se encontram paralisadas, como de solidariedade com a classe industrial.

As únicas classes que se encontram paralisadas, são: a marítima, soldados, trabalhadores e as mulheres que se empregam neste mister. Não tomou qualquer destas classes nem a U. S. O., que só neste caso interveiu depois de ser convidada pela Associação Industrial, qualquer compromisso de solidariedade que as podesse comprometer. Tem simplesmente este último organismo tratado, única e exclusivamente, da defesa das classes trabalhadoras de Olhão. Refere-se ainda a mesma local que «se até à data algumas das classes não deram a sua adesão ao movimento geral, é pelo facto de não concordarem com o mau procedimento do gráduo industrial Fialho, que também está coado no mesmo movimento, etc., etc. Ora isto simplesmente denota o cinismo e a má-fé que existe em certas criaturas, sempre prontas a especular com tudo e com todos! 1.º Porque não era possível que os indivíduos delegados da U. L. junto dos industriais pudessem desonorar a organização operária de Olhão, comprometendo-a, como esse mau informador diz? 2.º As classes que não deram a adesão a esse movimento geral foram as da Construção Civil e Construção Naval. A primeira — digamos em abono da verdade — pela sua completa desorganização; mas principalmente por ter no seu seio um indivíduo que se arma em «ditador» de pacotilha e sem autoridade moral. A segunda porque não fora para isso convidada por esquecimento.

As fábricas de conservas e os cercos de pesca encontram-se, pois paralisadas por falta de providências governamentais e nunca por solidariedade das classes trabalhadoras com a classe industrial. Não existem quaisquer entendimentos entre estas classes. Existe, sim, alguém que pretende deturpar a verdade dos factos. E' que entre a classe capitalista e as classes trabalhadoras existe uma barreira profunda, em que muito em breve a primeira se despenhará.

Por tudo isto, camarada redactor, julgo ter dito talvez o suficiente para comprovar a lealdade e a sinceridade com que os homens que à frente da organização operária de Olhão se encontram teem procedido.

E replemos quem quer que seja a provar o contrário.

De v. etc.: António Gonçalves Dias.

Também acerca do mesmo assunto recebemos est'outra carta:

«Camarada redactor. — Em virtude da falta de azeite, não funcionam as fábricas de conservas e os cercos encontram-se em terra, havendo, portanto, alguns milhares de pessoas que lutam com a miséria.

Fizeram os industriais um movimento de protesto, ao qual aderiram algumas classes operárias, mas estas calaram no logro, porque, afinal, a manifestação a Faro só aos industriais interessou.

Algumas fábricas que trabalhavam já pararam, porque a água não vem, vindo, sendo a paralisação completa. E' que providências deram os indus-

Reuniu na passada segunda-feira, com a comparecência dos delegados dos seguintes organismos:

Manipuladores de Pão, Arsenal do Exército, Compositores Tipográficos, Correios, Indústria Têxtil, Encadernadores e Sindicato Unico Mobiliário. Apreciou diverso expediente enviado pelos camaradas que se encontram presos, tendo resolvido dar-lhe o devido andamento.

Nomeou uma comissão para tratar da situação dos camaradas António Nunes Canha, António José Filipe e José Maria de Almeida.

Teve conhecimento da libertação do camarada Fernando Nunes Duarte, que respondeu na segunda-feira, no Tribunal da Boa-Hora.

Recebeu-se mais as seguintes importâncias:

Secção dos Corticeiros de Belém 100\$00, (queto); Associação dos Compositores Tipográficos, 20\$00, (cofre); Encadernadores e Anexos, 50\$00, (cofre); Queto tirada numa reunião do Partido Comunista, 9\$50, (cofre); Associação do Pessoal do Depósito Central de Fardamentos, 10\$00, (cofre); Sindicato dos Carpinteiros Navais e Calafates, 10\$00, (queto); total, 58\$311.

Novamente esta comissão notifica aos sindicatos que ainda não nomearam os seus delegados, a que o façam o mais breve possível, para assim se dar maior latitude aos trabalhos a encetar.

Para um assunto da máxima importância e apreciar um officio enviado pelos camaradas que se encontram presos na cadeia do Limoeiro, reíne amanhã, pelas 21 horas prefixas, esta comissão.

União dos Sindicatos Operários de Almada

Uma comissão delegada desta União avistou-se com o sr. Peres Trancoso, comissário geral dos abastecimentos, pedindo-lhe o immediato envio de várias subsistências que há mezes não aparecem à venda no conselho agravando extraordinariamente a já crítica situação económica das classes operárias locais.

A comissão apellou para o sr. Peres Trancoso para que mande colocar nesta vila um armazem regularizador de preços para limitar a ganância do comércio.

Congresso Metalúrgico

Para conhecimento dos delegados em propaganda no Sul, reúnem hoje, pelas 20 e meia horas todos os componentes da comissão organizadora do congresso.

triais para que o pão fosse garantido aos operários? E' bom que nisto meditem os trabalhadores para não caírem noutra, dando o seu apoio ao inimigo, sem estudarem previamente as consequências.

Em Faro, o governador civil disse o que lhe apeteceu e não houve uma voz que se erguesse contra certas afirmações por elle proferidas, tendo-se voltado para Olhão sem se saber o motivo que ali levava os manifestantes, porque nada se decidira.

Continua, pois, a miséria, que aumentará, mas o prior cá do burgo, que também tomara parte na manifestação, encontrou a solução: Disse na igreja que ia criar a sopa económica, enquanto as fábricas estiverem paralisadas, contando para isso com muitos dos bons corações cá da vila, que decerto são os industriais que agora passarão a benemeritos, e a quem a paralisação nada incomoda. — 7.»



BOA \_\_\_\_\_